



MCis Sélavy, uma boneca da estrela nesse mundo cão

Alex Sandro Neris Simões¹

Resumo: Texto poético produzido no contexto da Oficina de Escrituração Queer-Pajubeyra, facilitada pelo professor Dr. Carlos Henrique de Lucas, durante residência artística no ILUFBA. Trata-se de uma investigação do autor em torno de uma persona encarnada em situação de performance, a MCis Sélavy, em que se misturam arte e vida, poesia e performance, poesia e prosa, tradição e transgressão.

Palavras-chave: Poesia. Performance. Queer-pajubeyra.

Abstract: A poetic text produced as part of the Queer-Pajubeyra Writing Workshop, facilitated by Professor Dr. Carlos Henrique de Lucas, during an artist residency at ILUFBA. This is an exploration by the author centered on a persona embodied in a performance situation, MCis Sélavy, in which art and life, poetry and performance, poetry and prose, tradition and transgression are intertwined.

Keywords: Poetry. Performance. Queer-pajubeyra.

Resumen: Texto poético elaborado en el marco del Taller de Escritura Queer-Pajubeyra, impartido por el profesor Dr. Carlos Henrique de Lucas, durante una residencia artística en el ILUFBA. Se trata de una investigación del autor en torno a un personaje encarnado en una situación de performance, la MCis Sélavy, en la que se mezclan arte y vida, poesía y performance, poesía y prosa, tradición y transgresión.

Palabras-clave: Poesía. Performance. Queer-pajubeyra.

¹ Alex Simões é poeta, performer, professor, revisor e tradutor baiano com formação em Letras pela UFBA (bacharelado). Artivista envolvido com as causas negra e LGBTQIA+, foi um dos fundadores do Coletivo Kiu! (BA). Atualmente integra o Conselho Consultivo do Plano Estadual do Livro e da Leitura do Estado da Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7751-1363>

MCis Sélavy, uma boneca da estrela nesse mundo cão

Meu nome é MCis Sélavy. Já nasci cacura por ser filha de um cruzamento de duas drags *avant la lettre*. Minhas mães se chamam Madame Satã e Rose Sélavy. Sim, sou ao mesmo tempo filha da favela carioca e de uma galeria de Nova Iorque interessada na *avant-gard* francesa, num relacionamento transdescentrado e palmitreiro. Sou uma monstra descolonial, uma bárbara tecnicizada que poderia constar numa citação de um texto de curador chegado num padê e arroz de festa da Studio 54 ou de um inferninho da Lapa carioca ciceroneado por Hélio Oiticica.

Nos anos 60, teve uma exposição muito louca com reproduções dos *ready-made* do meu vovô Marcel Duchamp no Mam do Rio de Janeiro. A exposição se chamou *reready-mades* e foi um escândalo na época porque questionava a autoria dos trabalhos do dadaísta que questionava as autorias dos próprios trabalhos. Dizem que meu avô riu muito quando soube, mas os advogados dele, não.

Mainha Satã (nunca chamei mainha de Madame) tava muito, muito colocada pelas ruas do Flamengo depois de acuar um oco odara e resolveu entrar no Museu porque estava muito apertada e precisava desacuendar a neça pra tirar o suor da pirelli. Passou na frente do MAM e tinha uma certa pompa e alguém a reconheceu e chamou pra ir ver a exposição de não sei quem e que estavam servindo otim das rica e quitute e não sei o quê e, como minha mãe estava de terno e chapéu naquela noite, ela podia entrar de boa. Ela nem prestou atenção no que a pessoa tava falando e foi entrando apertada e viu logo no meio das obras um urinol e deixou o que precisava nele.

Não era um urinol, era a Fonte de R. Mutt, um pseudônimo do meu avô francês Marcel Duchamp. A polícia foi acionada pra tirar minha mainha Satã do museu, mas ela balançou a neça e saiu dando aú nos aliban, puxando um canivete e dando a pinta bem bonita escapando do Museu sem ninguém tocar nela. Só que ela deixou o que precisava no urinol que era *A Fonte* e tinha um tanto de gala misturada que fecundou a *eau de voilette* com óvulos fracionados (segredo até então) de minha mãe Rose na fórmula.

Na confusão gerada pelo aparecimento mijado de mainha Satã, terminou que ninguém ligou pro que ela deixou na *Fonte*, que poderia ter evaporado, mas não. Assim fui transgeneticamente modificada no urinol de Duchamp, que estava perfumado com a *eau de voilette* Belle Haleine, um perfume feito pelo meu avô francês, pai de minha mãe americana, vendido por 8 milhões de euros em um leilão em Paris. E eu nem vi a cor desse acué. Sou resultado do encontro furtivo de um dos óvulos fracionados de minha mãe Rose e de um esperma sobrevivente ao xixi de minha mãe. Fui sendo gerada no urinol Fonte de R. Mutt até essa obra ser embalada e levada para a exposição itinerante para o MAM da Bahia, quando caí de uma kombi no meio da ladeira de paralelepípedo com o urinol fonte espatifado por sobre as cabeças de nego do Solar do Unhão. Já caí escalando, dando estrelinha, cambrê, *rond de jambe*, martelo rodado, *attitude* e rabo de arraia e gritando “não venha, não, que a de cá é criada na vida, no remelexeoxó, no viadeiro dei meu nome e falo a língua que você quiser e se não quiser eu escrevo meu nome na tua com a gilete que trago na minha”.

A de cá segue sendo o que as minhas mães nunca deixaram de ser. Aprendi com elas a ver possibilidades onde não há mais o que fazer e a fazer de qualquer limite que derem uma

Sapucaí pra eu sambar nela. A primeira lição: não há abandono quando estamos todas soltas nessa vida uó. Nenhum espaço não não me pertence e se não quiser entender o que falo dou uma mijada, me pico e volto quando quiser. Gosto de neca e de palmito e não me furto de cuendar uma amapô se ela também se animar. Nem dou a Elza porque sou uma bee da classe trabalhadora e à classe trabalhadora tudo pertence. Sou pintosa quando quero e quando quero sou Oco Odara e quando não quero acuendo os meus Textículos de Mary no meu Edy Star e sigo em frente até o fim que nunca chega enquanto houver boneca da estrela nesse mundo cão.



Figura 1: Mcis Sélavy no Cabaret Drag King (Teatro Vila Velha, 2017)
Foto: Juh Almeida

Referências

- DINSDALE, Emily. Conheça Rose Sélavy: o alter ego feminino de Marcel Duchamp. **AnOther**. Disponível em: <https://www.anothermag.com/art-photography/8084/meet-rose-selavy-marcel-ducha-mp-s-female-alter-ego>. Acesso em: 29 mar. 2026.
- KER, João. Madame Satã presente: artista, malandro e travesti. **Híbrida**. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-3/inspiracao-madame-sata-a-bicha-preta-mais-temida-do-brasil/>. Acesso em: 29 mar. 2026.
- LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras**: Re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade Salvador: Editora Devires, 2017.